

A EXPANSÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: OS MIGRANTES PIAUIENSES NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE ITUIUTABA - MG

Luiz Carlos Santos da Silva
Geógrafo - FACIP/UFU
luizgeo28@gmail.com

Joelma Cristina dos Santos
Professora Doutora do Curso de Geografia - FACIP/UFU
joelma@pontal.ufu.br

RESUMO

A partir da década de 1990 com a chegada de diversas agroindústrias canavieiras na Microrregião Geográfica de Ituiutaba, ocorreram várias mudanças no campo e na cidade, pois com a expansão da cana-de-açúcar, foi necessário buscar mão-de-obra em outras regiões do país para o trabalho nos canaviais. É neste momento que centenas de trabalhadores migrantes se deslocam todos os anos da região Nordeste do país para o trabalho no corte da cana nesta região, submetendo-se a um trabalho degradante, pois as condições de trabalho oferecidas por essas agroindústrias são precárias, seja no que refere-se às condições de moradia, de alimentação, transporte e nos rendimentos mensais. Neste sentido, precisamos entender os motivos que levam os trabalhadores nordestinos a abandonarem suas terras, pois muitos são pequenos proprietários em suas regiões de origem, suas famílias e amigos para buscar trabalho em outras regiões do país.

Palavras- chave: Agroindústria canavieira. Migrante. Precarização do trabalho.

THE EXPANSION OF AGRO-CANAIEIRA AND THE PRECARIOUSNESS OF LABOUR RELATIONS IN GEOGRAPHICAL MICROREGION ITUIUTABA-MG

ABSTRACT

From the Decade of 1990, with the arrival of various agribusiness canavieiras geographical Microregion in Ituiutaba, several changes were felt in the countryside and in the city, because with the expansion of sugar cane, it was necessary to seek labor in other regions of the country to work in the sugarcane fields. It is at this time that hundreds of migrant workers moving every year in the Northeast region of the country to work in the sugar cane cutting in this region, having to submit to degrading work where working conditions offered by these agribusinesses are precarious is under the conditions of housing, power supply, transportation and monthly income. In this sense, we need to understand the reasons which make the northeastern workers abandoning their land, their families and friends to seek work in other regions of the country.

Keywords: Sugarcane agroindustry. Migrant. Precarious work.

INTRODUÇÃO

Na década de 1970 ocorreu a crise do petróleo e no Brasil, a saída encontrada foi a adoção de um novo modelo energético, baseado na produção de álcool combustível, subsidiado com recursos do PROÁLCOOL, como alternativa aos elevados preços do petróleo.

Foi nesse contexto que o PROÁLCOOL foi gestado pelo Decreto n. 76.593, de 14/11/1975, motivado pelo primeiro choque do petróleo em 1973, com o objetivo de construir um modelo

Recebido em 31/03/2014
Aprovado para publicação em 05/08/2014

Desta forma, este artigo está dividido além da presente introdução em outros três itens. No item 1 trataremos das questões metodológicas que nortearam a pesquisa, já no item 2, trataremos da migração dos trabalhadores piauienses para o corte da cana na região de Ituiutaba (MG), e no item 3 trataremos da precarização das condições de trabalho dos migrantes piauienses, seguido pelas considerações finais e referências.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para obtermos os resultados apresentados neste artigo percorremos alguns caminhos ou procedimentos metodológicos que alicerçaram esta pesquisa. D'Incao (1976) destaca que a pesquisa inicia-se no momento em que se delinea o campo teórico que se pretende trabalhar. Para a autora, a teoria pode ser considerada como consciência humana da realidade percebida.

Assim entendida, a teoria passa a ter com a pesquisa propriamente dita uma relação dialética. Ela projeta e antecipa a pesquisa, ao mesmo tempo que reflete e registra seus resultados. Ela é, em síntese, elemento de mediação na busca do conhecimento. (D'INCAO, 1976, p. 18).

Pessôa (2005) afirma que o ponto de partida para a pesquisa é a formulação do problema e que a elaboração de perguntas sobre o tema a que se pretende estudar é um dos caminhos para a problemática da pesquisa.

É salutar a afirmação de Venâncio (2008, p. 44) de que, “[...] evidentemente, ao realizar uma investigação científica, é necessário que o pesquisador tenha uma bagagem teórica, mas essa teoria não pode ser concebida como algo pronto e acabado”. É justamente por isto que buscamos avançar na temática da nossa pesquisa, destacando a importância da categoria trabalho nas pesquisas geográficas.

Partimos do pressuposto de que a pesquisa de campo é instrumento necessário e indispensável para realização de investigações de quaisquer natureza e, ao se tratar da pesquisa de campo geográfica, a sua importância é ampliada, pois é neste momento que o pesquisador entra em contato direto com a realidade a ser estudada, interagindo com seus sujeitos/objetos, obtendo as condições para entender como os entrevistados se percebem, estabelecendo uma análise coerente, ao diferenciar a sua percepção sobre os entrevistados, respeitando principalmente como estes se percebem, inseridos em suas próprias dinâmicas de vida e trabalho.

Entendemos que o pesquisador não se difere dos indivíduos a serem pesquisados, porém tem suas responsabilidades multiplicadas, pois num primeiro momento é ele (o pesquisador) que detém o conhecimento científico, mas necessita conhecer o fenômeno, por meio da pesquisa de campo, e em contato com o meio social que pretende investigar para elaborar suas teorias.

Desta forma, além da revisão bibliográfica, realizamos levantamento de dados de fonte primária e secundária. O levantamento de dados de fonte secundária foi realizado junto às publicações da FIBGE (Censos Agropecuários, Produção Agrícola Municipal), além de pesquisas através da Internet.

No que diz respeito à coleta de dados primários, esta deu-se através de entrevistas e questionários, de forma que foram entrevistados 70 trabalhadores rurais cortadores de cana, o que representa 5% do total de aproximadamente 1.400 trabalhadores migrantes envolvidos na safra da cana-de-açúcar no município de Ituiutaba. Cabe destacar que muitos, por receio de serem demitidos da empresa, não quiseram responder aos questionários.

A aplicação dos questionários iniciou-se no mês de maio de 2012 e se estendeu até o mês de outubro. As entrevistas foram feitas nos meses de novembro e dezembro do mesmo ano onde foram fundamentais na nossa investigação, pois, conseguimos confrontar a teoria com a realidade a partir dos relatos dos trabalhadores.

Após a tabulação dos dados, percebemos que a maioria desses trabalhadores migrantes eram oriundos do Estado do Piauí, principalmente das cidades de Picos, Oeiras, Jacós e Simões, Sudeste do Estado que migram todos os anos para o corte de cana na região desde de 1990.

Segundo os trabalhadores entrevistados, eles são agenciados por funcionários da própria empresa que viajam ao Piauí para fazer a seleção desses trabalhadores. Todos os entrevistados eram trabalhadores migrantes que cortavam cana nas agroindústrias canaveiras da Microrregião Geográfica de Ituiutaba.

A MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES ORIUNDOS DO ESTADO DO PIAUÍ PARA O CORTE MANUAL DA CANA-DE-AÇÚCAR

A partir da década de 1990, com a expansão da cana-de-açúcar aumentou-se a demanda por mão-de-obra para atividades relacionadas ao corte da cana-de-açúcar, mesmo diante do processo de mecanização pelo qual passava esse setor. É a partir desse momento que temos uma forte migração de trabalhadores oriundos da região Nordeste do país para a Microrregião Geográfica de Ituiutaba no Triângulo Mineiro.

Neste sentido, precisamos entender os motivos que fazem os trabalhadores nordestinos abandonarem suas terras, suas famílias e amigos para buscar trabalho em outras regiões do país. Desta forma, faz-se necessário conhecer melhor esta região do país que, segundo Andrade (1986),

O Nordeste é apontado ora como a área das secas, que desde a época colonial fazem convergir para a região, no momento da crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem a meia dúzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda per capita dos seus habitantes ou, então como região das grandes revoluções libertárias de que fala o poeta Manuel Bandeira em seu poema "Evocação do Recife". (ANDRADE, 1986, p.21).

Como evidencia o autor, a região Nordeste é vista por diversos ângulos, ora como área de grandes canaviais, ora como uma região pouco desenvolvida economicamente, ou também pela baixa renda da população. Assim, para além dos problemas apontados pelo autor, o Nordeste sempre foi uma região considerada "problema", pois em função não só das condições naturais como a seca no sertão, mas também em função de problemas sociais como a concentração de terras nas mãos dos latifundiários, a expulsão dos camponeses de suas terras empurrando-os para a cidade, obrigando-os a viver como trabalhadores assalariados. Essas condições impostas pelas forças produtivas tradicionais obriga o trabalhador a migrar para a cidade ou para outras regiões do país em busca de uma vida melhor, pois a sua precária condição socioeconômica o impede de reproduzir-se socialmente. Neste sentido, o trabalho como a condição de ascensão social, tem sido o elemento principal da migração de nordestinos para o Sudeste do país.

Os movimentos de migração/emigração têm em geral um componente básico, isto é, o mercado de trabalho. De fato, ao gerar trabalhadores excedentes no seu movimento contínuo de acumulação, o capital cria a necessidade de fluxos de deslocamento em busca de trabalho. Estes fluxos, por sua vez, acabam se tornando condição necessária para a própria acumulação de capital, que pode contar, nas regiões de afluxo, com um grande exército industrial de reserva e na região de saída, com uma descompressão no mercado de trabalho. (SANTOS, 2006, p.11).

A mobilidade espacial do capital agroindustrial canaveiro tem forçado a mobilidade espacial dos trabalhadores. Neste sentido,

É próprio do capital em seu processo de valorização necessitar fixar-se em todos os lugares, explorar a natureza e o trabalho em toda parte, destruir os vínculos espaciais estabelecidos anteriormente e criar novos, haja vista ser este movido pela lógica da acumulação. (OLIVEIRA, 2009, p. 394)

O trabalhador ao migrar para outra região do país é obrigado a abrir mão de sua cultura, de sua vivência e de suas raízes, de seu território onde para Santos (2009, p.160),

Assim, o ato de pertencer e o se sentir pertencedor/pertencente a um território pode ser tanto espontâneo - do ponto de vista cultural das relações sociais, o que não significa um ato expectante ou contemplativo, porque em sua relação com a natureza, o homem a traz para si, logo, a interação é constante - como condicionado, quando entendido a partir das relações sociais de produção. Ou seja, nascer em um lugar, a casa, a família, a escola, é um pertencer que faz parte de um enraizamento territorial que se aprofunda à medida que ocorre o contato com a diversidade. Aí está a geograficidade que, embora, a princípio, óbvia nas apreensões da Geografia, pode passar despercebida por geógrafos também despercebidos.

A migração de trabalhadores do Estado do Piauí para trabalharem no corte manual da cana-de-açúcar na Microrregião Geográfica de Ituiutaba evidencia que o Piauí tem sido o Estado fornecedor de mão-de-obra para o trabalho na atividade do corte de cana nessa região. Estes trabalhadores deixam suas famílias e amigos e partem em busca de melhores condições de vida e de reprodução social, submetendo-se a um trabalho degradante e exaustivo além de ter que se adaptar a nova cidade. Neste sentido, Martins (1984, p.45) afirma que:

Mais do que migrantes temporários, há um definido universo social da migração temporária. Mais do que trânsito de um lugar para o outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em lugar nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.

Para além, esta dimensão conflituosa constitui-se num obstáculo para as múltiplas possibilidades de interação destes migrantes com a população local, criando entraves para que sejam (re) conhecidos os aspectos próprios de sua cultura de origem, que não deve ser vista como "menor, pior ou menos rica" que a cultura local. A cidade de Ituiutaba tem abrigado tanto a população procedente do campo, quanto os novos moradores que chegam para trabalhar na área rural (nos canaviais), pois, diferente da organização camponesa, a agroindústria canavieira, no caso desse município, não permite que seus trabalhadores se instalem com suas famílias nas terras das usinas, ao contrário do que foi constatado por Lopes (1976), ao discutir o trabalho dos operários do açúcar no Nordeste.

Compreender as causas que levam as pessoas saírem de sua terra natal e migrarem para uma região desconhecida em busca de trabalho e de uma vida melhor, é um grande desafio, pois envolve um grande debate no campo da lógica capitalista que se baseia na acumulação de capital e do trabalho que o sustenta.

Segundo Alves (2007, p.47),

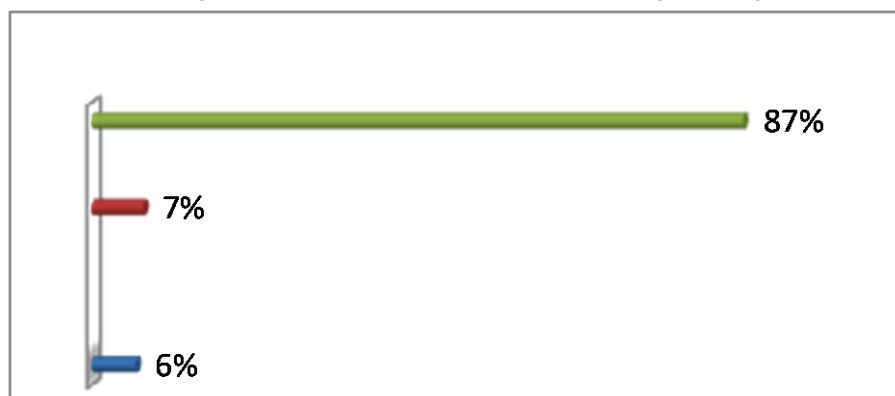
É necessário deixar claro que a migração é um movimento determinado pela expulsão, isto é, os trabalhadores migram quando as condições de reprodução em seus locais de origem encontram-se comprometidas. Considera-se expulsão todo e qualquer fenômeno social, econômico, étnico-racial, religioso, político, natural ou de gênero que comprometa as condições de reprodução do grupo social, colocando a busca por outro local como única alternativa para sobrevivência.

O caso dos migrantes piauienses não é diferente. Eles se deslocam para a região Sudeste em busca de reproduzir-se socioeconomicamente. A maioria desses trabalhadores são pequenos camponeses em suas cidades de origem e migram para aumentar sua renda e assim poder ajudar suas famílias. Para compreender o perfil desses trabalhadores, foi aplicado um roteiro de entrevistas junto a setenta trabalhadores, questionando-os sobre idade, sexo, cidade e

estado de origem, qual atividade eles exerciam antes de migrar pra Ituiutaba, escolaridade e as condições de trabalho oferecidas pela usina, dentre outras questões.

A Figura 2 nos mostra que o Estado do Piauí é responsável por fornecer 87% dos trabalhadores que migram para a microrregião de Ituiutaba para trabalharem no corte manual da cana-de-açúcar nas agroindústrias canaveiras, principalmente nas usinas Triálcool localizada no município de Canápolis e na usina Vale do Paranaíba, ambas pertencentes ao Grupo João Lyra. Em seguida aparecem os estados do Maranhão com 7% e Pernambuco com 6% desses trabalhadores.

Figura 2. Estado de Origem dos Canaveiros Sazonais da Microrregião Geográfica de Ituiutaba.



Fonte: Trabalho de Campo - abril a dezembro 2012.
Org.: Carvalho, 2012; Silva, 2012.

Os migrantes piauienses que deslocam-se para o corte manual da cana-de-açúcar na Microrregião Geográfica de Ituiutaba são pequenos camponeses que trabalham em pequenos lotes de terra que, normalmente, são próprios ou pertencente aos pais. O período de estiagem no estado do Piauí coincide com o mesmo período de estiagem na região de Ituiutaba, que corresponde à época da colheita da cana nas agroindústrias canaveiras da região Sudeste, fato este que obriga esses pequenos camponeses a migrar para o corte manual de cana nas agroindústrias canaveiras, atividade esta que configura-se como a base para o sustento de suas famílias que ficaram no estado do Piauí. Desta forma, segundo Martins (1984, p.52-53),

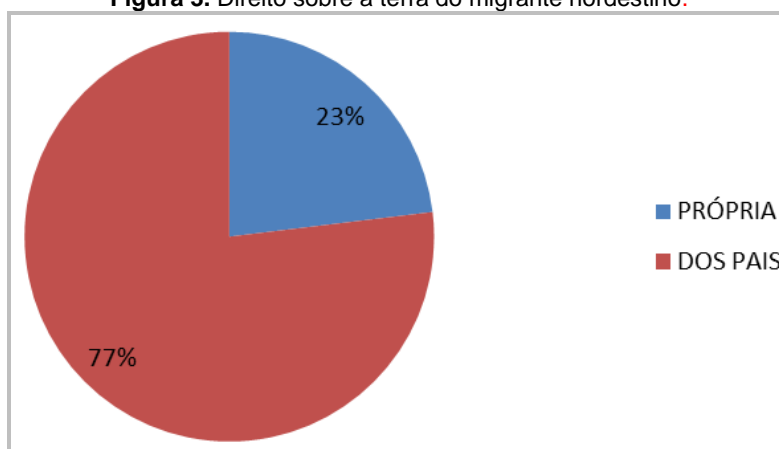
O migrante temporário sai de casa para trabalhar como assalariado para ganhar dinheiro que permita recriar as condições da sua sobrevivência como camponês. A necessidade da migração é resultado, de que, como camponês, vive no limite da mera subsistência. Fato que se agrava em consequência do certo que o capital lhe impõe. A deterioração dos preços dos seus excedentes agrícolas lhe é particularmente fatal, pois reduz a sua capacidade de compra dos seus artigos que complementam a sua subsistência e que não pode produzir diretamente. Por isso, calamidades pequenas e grandes – como as doenças e as secas – tem um efeito social desastroso em sua vida, levando até ao endividamento e a migração definitiva. Esse camponês vive entre o limite entre o ficar e o partir definitivamente.

Neste sentido, percebemos que o camponês assume a condição de trabalhador assalariado porque o trabalho na terra não lhes garante mais as condições necessárias para a sua sobrevivência e nem a sobrevivência de sua família. Na figura 03, apresentamos o direito sobre a terra em que o migrante nordestino trabalha na região Nordeste, antes de migrar ou mesmo nos períodos em que retorna na entressafra da cana, evidenciando que 77% da terra onde estes camponeses trabalham pertencem aos pais e apenas 23% é própria.

A figura 3 ilustra também que a maioria dos trabalhadores migrantes possui terras, ou seja, são pequenos camponeses que na época seca são obrigados a vir para o corte da cana na região de Ituiutaba, para conseguir formas de reproduzir-se socialmente e, assim poder ajudar suas famílias que ficam na região Nordeste. Mesmo se submetendo ao trabalho penoso e semiescravo nas lavouras de cana-de-açúcar, o migrante piauiense carrega o status de

pequeno camponês, detentor de pequenos lotes de terras em sua região de origem e ao mesmo tempo de boia-fria ao migrarem para o Sudeste com o intuito de trabalhar no corte manual da cana-de-açúcar nas agroindústrias canieiras desta região do país.

Figura 3. Direito sobre a terra do migrante nordestino.



Fonte: Trabalho de campo - abril a dezembro 2012.

Org.: Carvalho; Silva, 2012.

Além de enfrentar o desafio de um trabalho exaustivo e degradante, o migrante ao chegar à cidade de Ituiutaba, se depara diante de situações de cunho sociocultural, pois este carrega consigo sua cultura e seus costumes e desta forma, especificamente no caso de Ituiutaba, não são bem aceitos pela população local que, muitas vezes age com preconceito e discriminação, acusando-os de “invasores”, dentre outros adjetivos. Neste momento, há um nítido conflito entre o migrante nordestino piauiense e os nativos tijuicanos, uma vez que o migrante nordestino é responsabilizado pela população local pelos problemas sociais como roubo, violência, alcoolismo, drogas e outros problemas sociais. Desta forma percebe-se que o migrante nordestino é considerado um *outsider*, ou seja, o de fora, e que desta forma, deve ser considerado inferior ao grupo. Neste sentido, Vettorassi (2007) explica que,

Os nativos munidos de alto poder de coesão atribuem aos de fora (migrante e, principalmente negro ou pardo) todos os males de sua sociedade, em especial os índices de criminalidade. O nativo utiliza divisões (de classe, cor/raça, naturalidade, etc.) para justificar a criminalidade existente nas cidades, esse mesmo nativo tende a transferir para os “de fora” os pontos negativos existentes em sua comunidade, com o intuito de preservar sua auto-identidade; é uma forma de defesa que se fundamenta no ataque. (2007, p. 125)

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização variam conforme as características sociais e as tradições de grupo, no caso dos migrantes podem se destacar a estatura, o sotaque, ou até a forma de comportar-se e essa estigmatização não raro gera um efeito paralisante nos grupos de menor poder (ELIAS; SCOTSON, 2000).

É injustificável o preconceito em suas diversas faces, pois o migrante é obrigado a deslocar-se de sua região em busca de trabalho e de uma vida digna, enfim, para sustentar suas famílias e reproduzir-se socialmente, pois o Estado não oferece as condições necessárias para que este migrante possa viver em sua terra com dignidade. Dessa forma, o preconceito e a discriminação por parte de um grupo social - neste caso os tijuicanos - que acreditam ter o poder de representar e definir a identidade local acabam por marginalizar ainda mais os trabalhadores migrantes.

A PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO DOS MIGRANTES PIAUIENSES CORTADORES DE CANA

Através de trabalho de campo realizado nos alojamentos dos trabalhadores migrantes que residem em Ituiutaba no período da safra da cana e que trabalham nas agroindústrias desta

microrregião, foram constatadas as precárias condições a que são submetidos esses trabalhadores, sendo que os mesmos possuem uma extenuante jornada de trabalho, acordando por volta das 4 horas da manhã, tomando um café da manhã composto normalmente por pão e café e concomitantemente preparam seus utensílios de trabalho e suas vestimentas. Após esse ritual se deslocam para o campo por volta das 5h e 30 minutos em ônibus, muitos deles em péssima condição de estado (Figura 04).

Figura 4. Trabalhadores se deslocando de ônibus para os canaviais.

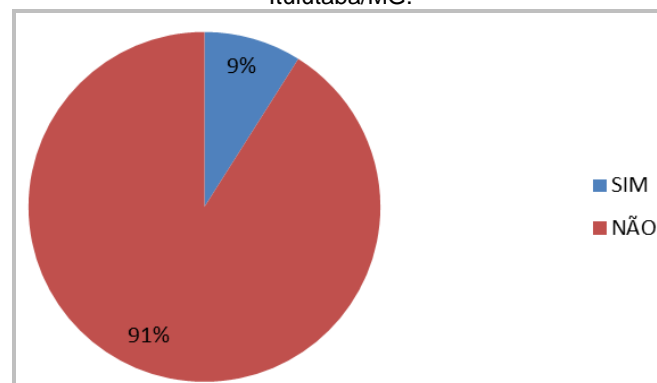


Autor: ARAÚJO, D. F. C. (2012).

Para que esses trabalhadores possam desempenhar as atividades de cortadores de cana, é necessário se paramentar com EPI's (Equipamentos de Proteção Individual), estando entre esses equipamentos camisas de manga longa, chapéus, botas com caneleiras, óculos e luvas. Esses equipamentos são necessários para se proteger do sol e de animais peçonhentos como escorpiões e cobras, muito comuns nos canaviais, além disso, convivem com perigo de incêndio, já que ainda utiliza-se nessa Microrregião o uso da queima da cana. Esses equipamentos são entregues no início da safra aos trabalhadores e caso seja necessário à troca os mesmos arcam com o custo dos EPI's.

Os equipamentos são de extrema importância para a segurança do trabalhador, evitando acidentes no local de trabalho (Figura 5). Relatos realizados pelos trabalhadores migrantes demonstram um baixo índice de acidentes no campo, fruto principalmente da normativa NR31² que estabelece o cumprimento das obrigações das agroindústrias canaveiras no sentido de implantar medidas de modo a garantir a segurança e a saúde do cortador de cana nos canaviais.

Figura 5. Incidência de Acidentes de trabalho dos trabalhadores sazonais da Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG.



Fonte: Trabalho de campo realizado - abril a dezembro de 2012.

Org.: Carvalho; Silva (2012).

² Normas que visam regulamentar medidas que visam assegurar a segurança e saúde no trabalho na agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura do trabalhador.

Apesar disso alguns deles não usam luvas de proteção que aumenta o risco de cortes acidentais, pois o uso das mesmas dificulta o corte de cana e conseqüentemente diminui sua produtividade ao longo do dia. A figura 5 mostra que 9% dos trabalhadores entrevistados já sofreram algum tipo de acidente de trabalho.

Os trabalhadores migrantes sazonais trabalham quarenta horas semanais, geralmente de segunda a sábado e ocasionalmente também aos domingos, trabalhando por volta de 8 horas diárias com grande esforço físico, o que mais tarde trará grandes prejuízos à saúde desses trabalhadores ligados ao corte da cana-de-açúcar (Figura 6), além disso, por serem contratados por um período de 4 meses, após esse período estarão novamente desempregados e sem direito a seguro desemprego.

Figura 6. Trabalhador cortando cana na Usina Laginha Agroindustrial S/A- Unidade Trialcool.



Autor: Silva, L.C.S.(2012).

Assim, estes cortadores de cana migrantes trabalham de forma intensa, visto que apesar de não haver uma cobrança direta por produção, procuram aumentar sua produção diária, pois assim seus rendimentos serão maiores ao final da safra. O salário é pago mediante a produção, ou seja, as toneladas cortadas, incentivando que trabalhem “como máquinas”, devido ao irrisório preço pago pela tonelada de cana cortada. Conforme os trabalhadores as agroindústrias canaveiras pagam em torno de R\$ 4,30 por cada tonelada de cana queimada e R\$ 6,30 pela cana crua. Essas empresas muitas das vezes usam de má fé para explorarem esses trabalhadores, pois muito deles não sabem calcular o valor produzido, conforme destaca Santos (2009, p.245)

Outras formas, verificadas na área de estudo, foram relativas ao trabalhador não saber quanto vai receber no final do dia por metro da cana colhida. Em alguns casos, relatados por trabalhadores da Destilaria Santa Fany, no município de Regente Feijó, há dias em que nem mesmo ao final do dia sabem quanto colheram e quanto receberão por isto. Considerando que 246 há contrato de compra e venda da força de trabalho, o mínimo que estes trabalhadores têm direito é de saber por quanto estão vendendo a sua mercadoria, ou seja, a força de trabalho, para que possam comprar as mercadorias de que necessitam para sobreviver.

Estes trabalhadores tem sua força de trabalho expropriada pelo capital à medida que chegam a cortar 20 toneladas de cana/dia, recebendo rendimentos que há dez anos eram equivalentes ao corte de oito a dez toneladas de cana/dia, chegando a ser comparados à situação de trabalho escravo, como demonstrou em entrevista José Divino Melo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba realizada em outubro de 2012: “*eu sempre vi o corte de cana como um trabalho degradante, um trabalho de sofrimento pro trabalhador, um trabalhador que corta aí 25 e 30 toneladas de cana pode ser considerado com todo respeito um monstro.*”

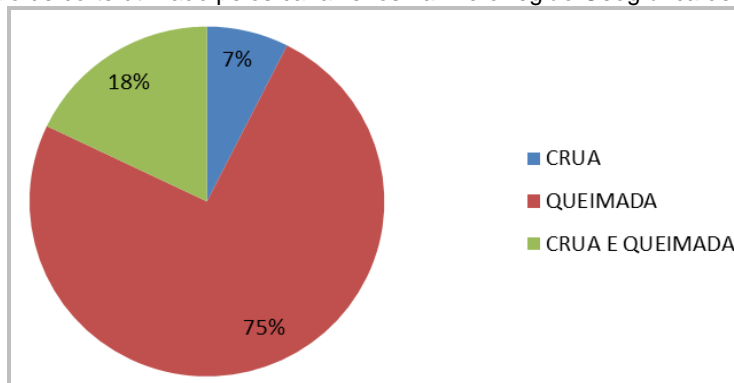
Os trabalhadores comprometem sua saúde, estando entre os principais motivos a posição curva necessária para o corte da cana, além disso a queima da cana causa problemas respiratórios como destaca o professor José Josberto, em entrevista concedida a um grupo de professores e alunos da Universidade Federal de Uberlândia, Campos Pontal em março de 2013: “os trabalhadores do corte da cana sofrem com dores que eles começam a sentir após um mês de trabalho, é coluna, são essas articulações do braço, do antebraço, todos eles começam a ter inflamações, além da questão respiratória quando físicas-biológicas.”

Esses trabalhadores passam o dia em uma determinada posição realizando movimentos repetitivos com “fiscais em seus calcanhares” estando sob-rígido controle das agroindústrias conforme Silva (1999).

O controle e a disciplina no ato do trabalho são exercidos por um pessoal especializado: fiscais, feitores, encarregados. Estes controlam os níveis de produtividade, a qualidade do corte, a medição da cana cortada, o registro da quantidade cortada por trabalhador. Forma-se, assim, a força produtiva do trabalho social. É a combinação das forças reguladas pelo tempo. Essa combinação ocorre graças aos mecanismos de controle criados no próprio processo de trabalho. (SILVA, 1999, p.202).

Verificou-se mediante o trabalho de campo realizado que as agroindústrias canaveiras da Microrregião Geográfica estudada utilizaram-se de três processos para o corte dessa monocultura, conforme mostra Figura 7.

Figura 7. Tipo de corte utilizado pelos canaveiros na Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG.



Fonte: Trabalho de campo - abril a dezembro de 2012.

Org.: Carvalho; Silva (2012).

Ao chegarem a seus alojamentos após um extenuante dia de trabalho, o que ocorre por volta das 15 horas e 30 minutos ainda precisam se dedicar aos afazeres domésticos, constituindo uma sobre jornada, chegando exauridos ao final do dia, conforme destaca o professor Josberto (2013).

Você vai ao alojamento eles estão lavando suas próprias roupas, eles estão preparando às vezes um complemento alimentar por que a alimentação também é muito ruim, esse é outro problema que eles enfrentam. A alimentação que eles recebem das empresas em geral é uma alimentação muito ruim e insuficiente para um trabalhador que passa o dia inteiro no corte de cana.

A alimentação constituída por arroz, feijão, mandioca e pequenos pedaços de carne (Figura 8) fornecida pela agroindústria, é paga pelos trabalhadores, sendo pobre em nutrientes necessários à sustentação de seu corpo físico, é alvo de críticas por parte dos trabalhadores, visto que além de não possuir uma variedade em seu cardápio, é servida fria.

Devido à insuficiente alimentação fornecida pelas agroindústrias instaladas na Microrregião de Ituiutaba, esses trabalhadores complementam sua alimentação comprando em supermercados das cidades ovos, verduras, alimentos em conserva, dentre outros e preparam um reforço alimentar.

Figura 8. Alimentação servida aos trabalhadores pelas Agroindústrias.



Autor: Mendes, G.O. (2012).

Além da preocupante condição de trabalho, vivem alojados em albergues espalhados por vários pontos da cidade, sendo descontado mensalmente desses trabalhadores o valor do alojamento, onde nota-se até mesmo a inexistência de higiene, os mesmos são colocados em quartos de tamanho bastante reduzido com pouca ou nenhuma ventilação, com beliches onde ficam quatro homens, o que leva muitos deles espalharem colchões em outras áreas mais arejadas do alojamento.

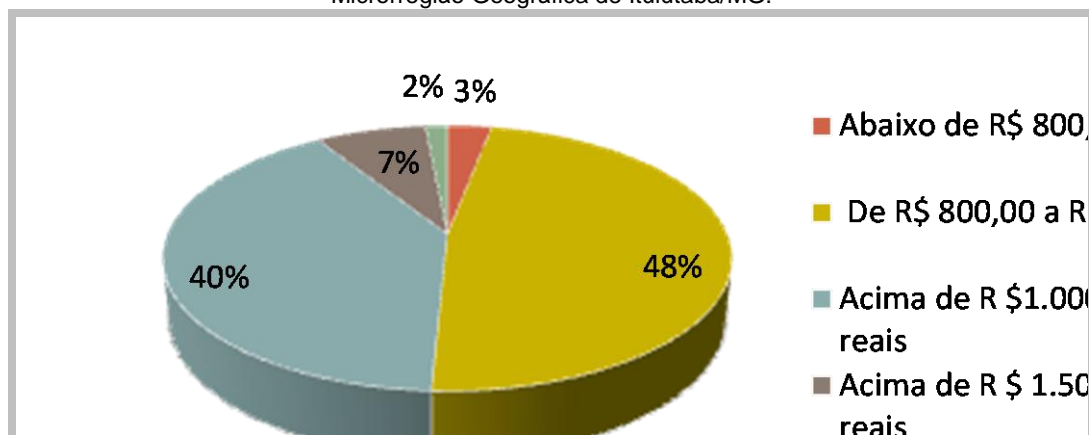
Levando em considerações estas condições vivenciadas pelo migrante, Mendonça (2004, p.266), contextualiza:

Há um conjunto de situações que denotam formas degradantes de trabalho (alojamentos precários, falta de equipamentos de segurança, condições de trabalho insalubres e alimentação inadequada, entre outras) para os trabalhadores safristas e de forma piorada para os trabalhadores temporários.

Apesar dessas condições de extrema precariedade a grande maioria deles, ao serem questionados sobre as condições de trabalho oferecidas pelas agroindústrias canavieiras, afirmaram ser adequadas. Isso provavelmente ocorre por receio de demissões.

Sobre a remuneração obtida pelos trabalhadores, apesar da extenuante jornada a que são submetidos, estes não têm revertidos seus esforços no salário ganho, muito pelo contrário, apenas 2% atingem rendimentos acima de dois mil reais. Através dos questionários aplicados aos cortadores de cana-de-açúcar constatou-se que a maioria recebe entre oitocentos e mil reais (Figura 9).

Figura 9. Rendimento mensal dos trabalhadores rurais Sazonais da Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG.



Fonte: Trabalho de campo - abril a dezembro de 2012.

Org.: Carvalho e Silva (2012).

Conforme demonstra o gráfico 06, 48% dos trabalhadores rurais recebem valores entre R\$800,00 e R\$1.000,00. A grande maioria dos cortadores de cana recebe baixos salários, onde 88% dos entrevistados tem rendimentos inferiores ou igual a R\$ 1.500,00 reais (Gráfico 06), quando questionados se o que recebiam era suficiente para as despesas, 97% dos canavieiros responderam positivamente, enquanto somente 3% disseram serem insuficiente cobrir as despesas com o que ganham.

É de extrema relevância desmitificar a idéia de que o trabalhador utilizado como mão-de-obra nos canaviais é bem remunerado. A esse respeito, o professor Marcelo Medonça (2013) destaca em entrevista: *“de fato existem cortadores de cana que podem chegar a ter ganhos mensais em torno aí de dois mil reais, o que a mídia retrata como algo estrondoso, como se alguém que ganhe três salários mínimos pudesse viver bem com sua família nesses país.”*

A vontade dos trabalhadores de cortar muitas toneladas de cana e tentar forçar o corpo ao limite tem resultado em graves problemas para sua saúde. Santos (2009) desta que,

É justamente ao tentar superar os limites da força física, que o físico reage. Dessa forma, questões de saúde são relatadas pelos trabalhadores, tais como desmaios, as câibras que ocorrem nos canaviais, quando não foram com eles, já viram ocorrer com alguém. Para minimizar, as usinas oferecem, então, uma solução de soro fisiológico, além de que segundo os entrevistados, é comum “a coluna travar” no meio do canavial. (SANTOS, 2009, p.258).

MARINI, (2000), alerta para a necessidade de identificação das formas de exploração do trabalhador, pois,

Os três mecanismos identificados - a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho - configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador, e não no desenvolvimento de sua capacidade produtiva. Isso é condizente com o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas na economia latino-americana, mas também com os tipos de atividades que ali se realizam. De fato, mais que na indústria fabril, na qual um aumento de trabalho implica pelo menos um maior gasto de matérias primas, na indústria extrativa e na agricultura o efeito do aumento do trabalho sobre os elementos do capital constante são muito menos sensíveis, sendo possível, pela simples ação do homem sobre a natureza, aumentar a riqueza produzida sem um capital adicional. Entende-se que, nessas circunstâncias, a atividade produtiva baseia-se, sobretudo no uso extensivo e intensivo da força de trabalho: isso permite baixar a composição-valor do capital, o que, aliado à intensificação do grau de exploração do trabalho, faz com que se elevem simultaneamente as taxas de mais-valia e de lucro. (MARINI, 2000, p.9).

Neste contexto é reforçada a tese de que o processo de intensificação da superexploração da força de trabalho é a forma mais desumana utilizada pelo capital para obter a mais-valia e o lucro, pois coloca o trabalhador sob uma condição precária de trabalho levando-o ao esgotamento prematuro das suas forças físicas e também por não lhes garantir um salário digno necessário para sua sobrevivência e de seus familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de expansão da cana-de-açúcar na Microrregião Geográfica de Ituiutaba deve ser pensado à luz da Geografia do Trabalho, pois com a territorialização das agroindústrias canavieiras, são nítidas as mudanças socioespaciais advindas desse processo, seja com a expansão da cana em áreas onde eram cultivados alimentos ou serviam de pasto para o gado, seja pela chegada de centenas de trabalhadores oriundos da região Nordeste do país para trabalhar no corte de cana nessa região.

De um modo geral verificamos a ocorrência do trabalho fragmentado e precarizado, oferecido pelas agroindústrias canavieiras territorializadas na Microrregião Geográfica de Ituiutaba, ou

seja, onde o trabalhador é colocado sob condições desumanas de trabalho, seja pelas péssimas condições de transporte, seja pela má alimentação oferecida, seja pela moradia, pelo trabalho degradante no corte da cana onde muitas das vezes sofrem acidentes por falta de equipamentos de proteção individual, seja pela falta dos pagamentos dos seus salários que sempre atrasam gerando escassez de alimentos para eles e suas famílias.

Essas péssimas condições de trabalho obrigaram os trabalhadores a fecharem rodovias para realizarem manifestações, geralmente devido a atrasos nos pagamentos que chegam a 3 meses, fazerem greves nos canaviais tendo em vista chamar a atenção do Ministério Público do Trabalho e dos Sindicatos, os quais têm sido ausentes na defesa dos interesses dos trabalhadores. Este fato é preocupante e nos mostra mais uma vez que esses agentes do Estado estão do lado do capital e não do trabalhador, que sofre em função das precárias condições de trabalho oferecidas por essas agroindústrias canaveiras.

A precarização das relações de trabalho se configura como uma realidade perversa, pois coloca o trabalhador sob péssimas condições de trabalho, explorando ao extremo sua força de trabalho. Neste contexto, os direitos dos trabalhadores são desrespeitados e usurpados pelo capital agroindustrial canaveiro, sendo necessário que o Ministério Público e o Ministério do Trabalho estejam fiscalizando constantemente as agroindústrias canaveiras, visando se não sanar, ao menos diminuir a precarização a que estes trabalhadores são submetidos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Práxis, 2007.
- ALENTEJANO, P. As relações cidade-campo no Brasil do século XXI. **Terra Livre**. São Paulo, v. 2, n.21, jul/dez. 2003.
- ANDRADE, M.C. **A Terra e o homem no Nordeste**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1986. _____. **Modernização e pobreza**: a expansão da agroindústria canaveira e seu impacto ecológico social. São Paulo: USP/FFLCH – GEO, 2004.
- D'INCAO E MELO, M.C. **O “Bóia-Fria”**: acumulação e miséria. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- HESPAHOL, A. N. Políticas públicas, modernização e crise da agricultura brasileira. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v.1, n.1, 1997.
- IBGE. **Produção Municipal de Minas, 1990/2012**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, 2013. Acesso em: 15 de maio. 2013.
- LOPES, J.S.L. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**, CLACSO-LPP-Vozes, Petrópolis, 2000.
- MARTINS, D.; VANALLI, S. **Migrantes**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARTINS, J. S. **Não há terra para plantar neste verão**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. v. 1. 112 p.
- MENDONÇA, M.R. **A Urdidura Espacial do Capital e do Trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.
- OLIVEIRA, A. M. S. **Reordenamento Territorial e Produtivo do Agronegócio Canaveiro no Brasil e os Desdobramentos para o Trabalho**. 2009. (Doutorado em Geografia) FCT – UNESP, 2009, Presidente Prudente, 2004.
- PESSÔA, V.L.S. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – MG**. 1988. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia) – IGCE – UNESP, Rio Claro, 1988.

- SANTOS, A. Migração e força de trabalho: notas para debate. **Pegada**. vol.n.2, p. 7-26, nov. 2006.
- SANTOS, J.C. **Dos canaviais à “etanolatria”: o (re) ordenamento territorial do capital e do trabalho no setor sucroalcooleiro da Microrregião Geográfica de Presidente Prudente – SP**. 2009. 375 f. Tese (Doutorado em Geografia) PPGeo – UFU, Uberlândia, 2009.
- SILVA, M, AM. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- THOMAZ JÚNIOR, A. **Por trás dos canaviais, os nós da cana**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- UNIÃO DA INDÚSTRIA DA CANA DE AÇÚCAR-ÚNICA. **Produção por Produto ÚNICA**. Disponível em: <<http://www.unicadata.com.br/historico-de-producao-e-moagem.php?idMn=31&tipoHistorico=2>>. Acesso em Jun. 2012.
- VENÂNCIO, M. **Território de esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO)**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- VETTORASSI, A. **Partindo para a cidade garantida e proibida**. In: Migrantes: trabalho e trabalhadores do complexo agroindustrial canaveiro (os heróis do agronegócio brasileiro). [organizado por] Novaes, J. R. e ALVES, F. São Carlos: EdUFSCar. p. 119-153, 2007.